

O POSICIONAMENTO SOCIAL NO FAZER POÉTICO DE PEDRO CASALDÁLIGA

Syjara Cristina Ferreira Santos¹
Leticia Navarro de Lima²

A proposta deste ensaio é mostrar como o social compõe o texto literário na escrita poética de Pedro Casaldáliga. Utilizaremos como referência a crítica social do poeta em questão, a poesia como resistência, utilizada pela palavra poética da realidade vivida pelo poeta. Com base nos fundamentos da teologia da libertação, pretende-se fazer uma distinção que provoque reflexão acerca da fala do homem no mundo da poesia, não na forma de entonação, mas como intuito no mundo, para isso procura fazer uma análise dentro do poema “Picolezeiro”, que está inserido na obra *Versos Adversos*, republicada em 2006. Deste modo, o autor recorre à poesia para lutar pelo direito do homem dominado pelas imposições sociais, capitalistas e religiosas.

No interior do Mato Grosso, mais precisamente na região do Araguaia, surge uma voz que grita e proclama por justiça, em busca da libertação dos povos menos favorecidos. É a voz de um sacerdote que não se intimida com o autoritarismo, com as ameaças do regime ditatorial e mentalidade escravocrata que imperava naquela região. Esse clamor é resistência e traz esperança no ato de rebeldia, a voz de Pedro Casaldáliga luta para conscientizar a população mais pobre e os indígenas dos seus direitos, uma luta intensa contra o opressor.

A obra selecionada aborda questões sociais, destacada na estrutura do poema. Para o conceito de utopia que resiste no poeta, é evidenciado, nas reflexões de Edson Flávio dos Santos (2011), que para o sujeito poético: “utopia possível se coloca em movimento e se abre na perspectiva de mudanças de curso. Ou seja, o poeta vive uma consciência antecipante” (SANTOS, 2011, p. 40). O poema busca o desejo pela utopia, da valorização do ser humano. O poeta, por meio das denúncias, procura incluir o povo na sociedade e ressaltar a importância da redescoberta do ser.

Na escrita poética do autor, não há uma distinção entre o poeta engajado, do religioso, estas marcas permanecem ligadas uma na outra, ou seja, ao mesmo tempo, delatando com palavras e ações. Alfredo Bosi vai refletir isso no trecho do prefácio do livro *Versos Adversos*, de 2006:

O militante D. Pedro Casaldáliga é também poeta. Não lhe basta agir no mundo adverso da luta pela justiça. Sua paixão não se con-

some toda na vida ativa que o ofício pastoral lhe exige. Os sentimentos que ação não consegue absorver de todo transmudam-se na esfera da palavra e da imagem poética. (BOSI, 2006, p. 11).

O presente estudo propõe, através da análise, problematizar os conflitos que o Bispo intervinha, para isso buscamos, por meio de estudos bibliográficos, históricos e sociológicos, entender a realidade que o Brasil vivia desde a chegada de Casaldáliga.

Trabalho de Pedro Casaldáliga na luta contra o opressor

Na década de 1960 no Brasil se instalava a ditadura militar, que implementava uma série de atos inconstitucionais e regulamentava o autoritarismo, censura e ações repressoras. Essa fase, que durou 25 anos, era o contexto sociopolítico em que se encontrava o país quando Pedro Casaldáliga chega ao Brasil, como pontua Ramos e Coelho (2020):

Foi nesse cenário que Casaldáliga desembarcou no Brasil, em pleno 1968, ano da deflagração do AI5, ato mais duro dos militantes promulgaram. Deste então ficou bastante conhecido no Brasil e fora dele pelas ações em defesa das minorias com as quais conviveu na região do Araguaia, norte do Mato Grosso. (RAMOS Apud COELHO, 2020, p. 19).

Ao chegar na região do Araguaia, Casaldáliga se depara com as injustiças sociais, o desrespeito à cultura de etnias, a marginalização de pessoas, são estas razões pelas quais a voz poética do escritor vai se destacar dentro e fora do país. Para Antonio Candido, “O ins-

trumento de consciência de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, pela negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual”. (CANDIDO, 1982, p. 256).

Uma das contribuições do poeta é a luta pela liberdade do homem que tolera a subalternação, dominação e a opressão. É preciso entender o homem quando sofre, para compreender o mundo que o cerca. O “externo que importa, não como uma causa, nem como significado e sim como elemento um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”. (CANDIDO, 2006, p. 14). Nesse sentido, a crítica social do autor na obra *Versos Adversos* é para politizar os esquecidos, com o objetivo de modificar a sua realidade.

Para demonstrar como o poeta constrói essa crítica social, pretendemos analisar o poema “Picolezeiro”, o qual envolve questões sociais, que trata a infância roubada pelo trabalho infantil, de uma sociedade marginalizada.

Picolezeiro

Com seus dez anos, sabido
como dez livros completos,
no isopor, a tiracolo
leva sua vida a preço.

Picolezeiro,
por um sorriso
dou-te um cruzeiro.

Seu coração pequenino
será um picolé vermelho,
massa de frágil ternura
se derramando num gelo?

Picolezeiro,
o teu sorriso
vale um cruzeiro?

1 Syjara Cristina Ferreira Santos é licenciada em Letras, Língua Portuguesa, com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), mestranda em Letras, Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Tangará da Serra (UNEMAT). Atualmente é bolsista da CAPES. E-mail: Syjara.cristina@unemat.br

2 Leticia Navarro de Lima é licenciada em Letras, Língua Portuguesa, com habilitação em Língua Espanhola pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), mestranda em Letras, Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Tangará da Serra (UNEMAT). E-mail: leticia.navarro@unemat.br

Passam os ônibus, passam
por suas mãos os dinheiros.
Descalço de pés e sonhos,
só ele é passageiro.

Picolezeiro,
só valeis isso,
tu e companheiros?

Picolés de milho verde
e uma espiga de protesto:
não te vendas mais em trocos,
tira o tiracolo em tempo!”
(CASALDÁLIGA, 2006, p. 53)

O poema “Picolezeiro”, inserido na antologia *Versos Adversos* (2006), que compila poemas publicados nas edições anteriores de 1973 e 2003, integra a poesia de Pedro Casaldáliga. É distribuído em vinte e cinco versos curtos, livres. Utiliza-se um vocabulário básico. É separado por sete estrofes intercaladas de quatro e três versos irregulares, que conduz a nossa atenção com a temática do trabalho infantil e traz uma crítica social sobre a infância roubada e a educação, como podemos perceber, nos primeiros versos, “com seus dez anos, sabido / como dez livros completos”.

A imagem do “Picolezeiro” na poesia revolucionária de Casaldáliga é aquele visto pelo dono do poder e contestada por uma sociedade igualitária, pelo direto à educação, saúde e igualdade social, por isso “no isopor, a tiracolo” o poeta faz alusão a uma bolsa escolar em que estariam livros/cadernos da criança. Bosi (2002) nos indica que a “experiência da imagem é anterior à da palavra, vem enraizada no corpo”. Pedro Casaldáliga constrói uma linguagem que, por meio da imaginação, produz vida nova às palavras, gera uma fonte inesgotável de imagens que desestabilizam os sentidos, rompem com os limites do dizível e modifica em conteúdos poéticos a realidade

do mundo que os circundam.

O título percorre em algumas estrofes a palavra “Picolezeiro”, que metaforicamente representa a mão de obra análoga ao trabalho escravo. Com salários indignos para as famílias, essa criança restringe os seus sonhos, o afeto e também a infância perdida nas ruas, pelo cansaço e as suas consequências de uma jornada de trabalho, “leva a vida a preço”. Com uma desigualdade gritante, o poeta discorre sobre diversidade social, que é associada à miséria, desemprego da realidade do Brasil. Casaldáliga não se restringe a mascarar a realidade com o que se deparou, por meio de seus poemas-denúncia ele mostra um novo tempo para libertação do povo.

Os versos a seguir intensificam a memória da infância roubada pela exploração da mão de obra barata, priva-o de uma infância plena, tira os sonhos, as brincadeiras e educação em relação as outras crianças, dessa maneira o poema interroga o leitor: “sabido como dez livros” só não sabe falar quanto vale sorrir “por um sorriso te dou um cruzeiro? Ou “ só valeis isso, tu e companheiros? ”. Um preço bastante alto, mas não pelo cruzeiro, mas sim pela infância perdida nas ruas, o eu lírico ainda questiona, quem são os culpados? Quem é? É o poder executivo? O autor não responde e deixa que o leitor faça sua própria interpretação.

A fala poética gradativamente, em uma sucessão de acontecimentos, descreve o quão frágil e pequeno é o coração do “Picolezeiro”. Mais uma vez o eu lírico pergunta: quem é esse picolezeiro? Podemos ver nos versos da terceira estrofe:

Seu coração pequenino
será um picolé vermelho,
massa de frágil ternura
se derramando num gelo?

A linguagem metafórica estabelece uma comparação entre “coração/gelo”, sentimento de uma criança que se tornou insensível, devido à dura realidade vivida em São Félix do Araguaia. Nessa perspectiva, a voz poética indica que a mesma frieza do “gelo” também está presente no “coração” de homens, mulheres e crianças, que não demonstram seus sentimentos, porque é restringida por uma força maior que a sua.

O eu-poético na quinta estrofe aponta: “Passaram os ônibus, passam / por suas mãos os dinheiros / Descalço de pés e sonhos, / só ele é passageiro”. No circuito de fatos, expõe a pobreza num grau assustador, as desigualdades sociais, a submissão do poder vigente. Naquela situação, ele é apenas um “passageiro”. O poeta diz a verdade, tudo passa até sua infância, mas ele olha a matéria poética direcionada para o futuro por onde “passam” as coisas que ainda virão a acontecer. Ele não compõe o poema no passado e sim no presente. Mesmo assim, o poema metaforiza o descaso da sociedade em relação ao ser humano “descalço de pés e sonhos” e acusa sobre a pior forma o abuso do trabalho infantil.

Nos últimos versos, o poeta dialoga com o sagrado e a força que sua voz exerce sobre o povo. Nas palavras de Edilson Martins (1979): “Em nome das instâncias supremas, ele cobra coragem para se levantar, sozinho ergue sua voz, apontar dedos, em riste e grito [...]. Ousa-se afrontar com os poderes de éon”. (MARTINS, 1979, p. 14). Essas crianças encontram-se à margem da sociedade e o descaso é “espiga do protesto” do poeta. O poema “Picolezeiro” é uma representação de um povo que deseja transformação, porque não tem voz, nem tem identidade, e não tem um futuro próspero.

Por fim, a voz poética atua como construção

de revolução que é próprio do que se deseja cumprir, sair do existente a partir da utopia nos versos “não te vendas mais em trocos, / tira o tiracolo em tempo” essa atuação motiva a ligação do desejo de mudança. O cerne da poesia de Casaldáliga está no social e busca incentivar os valores do ser humano, assim “A poesia cria, através da ação simbólica, com poder revolucionário, muitas vezes, um novo mundo e novas relações sociais.” (BOSI, 2000, p. 147).

Como podemos perceber na poesia de Casaldáliga, há um intenso movimento de resistência, que surge de ações críticas as ideologias dominantes. Nesse sentido, as temáticas dos poemas de Pedro Casaldáliga trazem questões sociais. A exemplo do poema analisado, “Picolezeiro”, a redução estrutural acontece a partir de um acontecimento específico – a exploração do trabalho infantil – que conduz a opressão dos menos estruturados economicamente, da realidade de São Félix do Araguaia. A situação social, apresentada no poema, mostra que esse fato acontece devido ao desprezo de uma grande maioria do corpo social. É por meio da representação social ilustrada no poema que a lírica casaldaliana se constitui, na qual denunciam a subalternidade do homem ao sistema, associada à criticidade que utiliza a história e a literatura para falar simultaneamente sobre luta e resistência. Isso revela o poeta socialmente engajado, pela força de um homem que muitas vezes teve a sua voz silenciada pelo opressor e, a partir de uma coletividade criada pelo “nós”, possui uma consciência que intensifica e estimula a ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Pau-

lo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo. Duas Cidades, 1982.

CANDIDO, Antonio. *O estudo Analítico do Poema*. São Paulo: Humanitas Publicações/FFCH/USP, 1996.

CASALDÁLIGA, Dom Pedro. *Cantigas menores*. Goiânia: Editora da UCG, 1979.

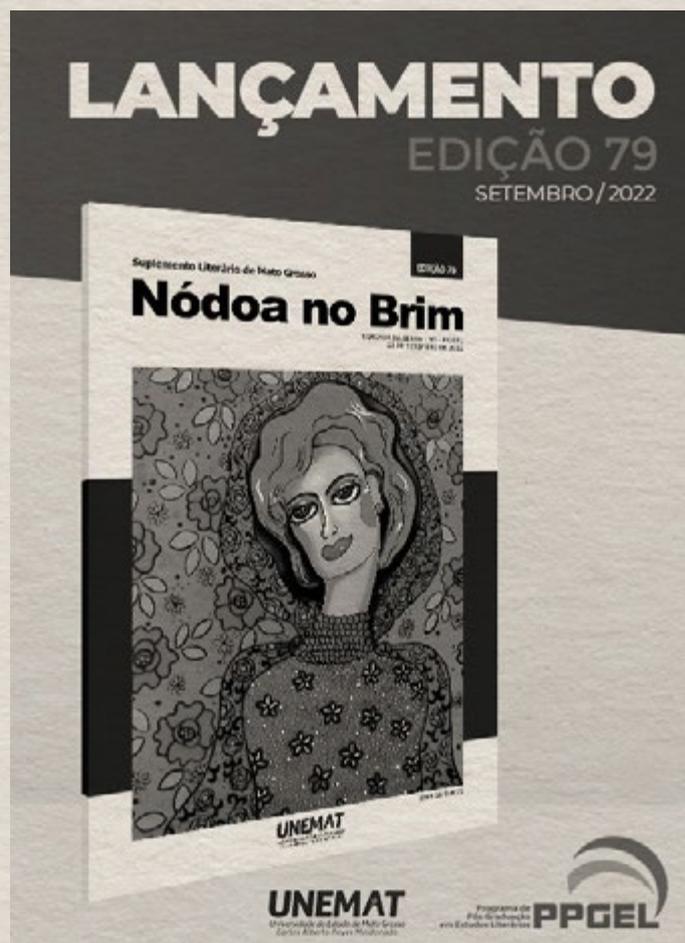
CASALDÁLIGA, Dom Pedro. *Versos Adversos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

MARTINS, Edilson. *Nós do Araguaia*: Dom Pedro Casaldáliga, bispo da teimosia e liberdade. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

PAZ, Octávio. *Signos em Rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 2. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

RAMOS, Isaac et.al. *Ensaio de lírica: do poema clássico ao contemporâneo*. Isaac Ramos (Organizador). 1. ed. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2020.

SANTOS, Edson Flávio. *Cercas Malditas: Utopia e Rebelia na obra de Dom Pedro Casaldáliga*. Dissertação de Mestrado. Tangará da Serra/PPGEL, 2011.



LINK: <https://ppgelunemat.com.br/nodoa-no-brim>

O COMBATE

TODOS OS MESES NO SITE PPGEL

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/o-combate>

Jornal "O Combate"

Expediente

O Combate é um periódico mensal, destinado à publicação de textos de discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). O objetivo do jornal é ser um espaço de fomento à escrita científica no campo da Literatura. Nele, serão aceitos ensaios, críticas, resenhas e artigos de opinião, sendo a temática livre – desde que relacionada com alguma área do saber dos estudos literários.

Direção geral: Helvio Moraes

Equipe editorial: Helvio Moraes, Luan Paredes Almeida Alves, Adrieli Ferreira Nogueira, Eliane Cristina Chierogatto

Colaborador deste número: Syjara Cristina Ferreira Santos e Leticia Navarro de Lima

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

Contato: jornalcombateppgel@gmail.com



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wlademir Dias-Pino

Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000